

Silviano Santiago – Machado

São Paulo: Companhia das Letras, 2016

Davi Andrade Pimentel¹

Início esta resenha tomando de empréstimo do livro *Machado* – assim como o autor da obra em questão toma de empréstimo a vida e a obra do escritor carioca Machado de Assis para compor seu livro – a seguinte frase, que surge no capítulo nove, “Manassés e Efraim”: “A boa leitura da obra de arte não é a do autor, mas a que o leitor faz da obra alheia, em diálogo crítico com ela” (Santiago, 2016, p. 363). A frase se torna alusiva por si só, principalmente em um livro que se deseja ao mesmo tempo ensaístico, historiográfico, ficcional e com pinceladas de crônica de costumes – o gênero romance, escrito na capa do livro, não passa de uma ironia nos moldes machadianos. Em *Machado*, é indiscutível o papel do leitor na figura do narrador, seja na perspectiva do leitor crítico da obra e vida de Machado de Assis, seja na do leitor crítico do período político-social que compreende o fim do Império e o início da República na antiga Capital Federal do Brasil, então situada no Rio de Janeiro. O leitor-autor ou o leitor-narrador de *Machado* – Silviano Santiago real e personagem mesclam-se a tal ponto que é impossível definir onde começa um e termina o outro – busca validar seu texto por meio da importância do leitor na produtividade e na sobrevivência da obra, validação que se revela essencial para seu projeto livresco exposto a outros leitores – os leitores de *Machado* – ao longo de suas 421 páginas: “A boa leitura torna-se responsável pela vida eterna da obra de arte” (Santiago, 2016, p. 365).

Nesse ponto, a importância dada ao leitor em *Machado* aproxima-se de modo bastante significativo da ideia do leitor apresentada por Roland Barthes em *O rumor da língua*: “ao ler, nós também imprimimos certa postura ao texto, e é por isso que ele é vivo” (Barthes, 2004, p. 29). Como também se aproxima da ideia do leitor apresentada por Maurice Blanchot em *O espaço literário*: “O que é um livro que não se lê? Algo que ainda não está escrito. Ler seria, pois, não escrever de novo o livro, mas fazer com que o livro se escreva ou *seja* escrito” (Blanchot, 1987, p. 193). O que se evidencia, portanto, em *Machado* e na leitura dos ensaístas citados, é a

¹ Pós-doutorando, com bolsa Faperj, na Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil. E-mail: davi_a_pimentel@yahoo.com.br

perspectiva de que sem leitor não há obra, muito menos literatura. Daí o levantar de bandeira do narrador ao desejar desse modo validar seu texto que se deseja machadiano. *Machado* é obra híbrida, porém mais ensaística e historiográfica que propriamente ficcional, por mais que no início do segundo capítulo, “29 de setembro”, o leitor-narrador se esmere em fazer o leitor crer que dará origem a um texto imaginativo/ficcional que percorrerá, a partir do quinto volume das cartas de Machado, os últimos anos de vida do escritor, de 1905 a 1908. O narrador, enquanto leitor criativo, sente-se arrebatado pela potência intelectual que pulsa das cartas machadianas e se vê transfigurado em imagem e semelhança no grande autor da literatura brasileira, lemos: “Transfiguro-me. Sou o outro sendo eu. Sou o tomo V da correspondência de Machado de Assis: 1905-1908” (Santiago, 2016, p. 49).

Define-se então o protagonismo de Machado de Assis; contudo, ao leitor mais atento, esse protagonismo logo se revelará papel de coadjuvante, o que em hipótese alguma é papel menor. Explicando melhor: Machado de Assis sempre estará presente, não como o protagonista assegurado pelo leitor-narrador no início do livro, mas, sim, como personagem de destaque do livro. Até mesmo as transfigurações do narrador em Machado e de Machado no narrador desaparecem aos poucos, dando lugar ao leitor-narrador ensaísta e historiográfico, pois poucas vezes – mais até de modo exterior, e quase nunca de modo interior – temos realmente o Machado personagem ficcional, aquele que, por minutos, saciaria a curiosidade do leitor em relação à pessoa *real* de Machado de Assis. O Machado ficcional limita-se ao homem que sente na pele a dor da doença degenerativa, a epilepsia, e ao missivista que tem como grande amigo e confessor a figura de Mario de Alencar, escritor e filho de José de Alencar. A morte, presença constante nas cartas de Machado, sobretudo quando não mencionada, torna-se um dos principais motes do leitor-narrador na escrita de seu primeiro capítulo, intitulado “Carlos de Laet, Machado de Assis e Gustave Flaubert”. Capítulo que se configura mais como um texto ensaístico cujo tema interessantíssimo é o papel preponderante da doença na feitura da escrita literária.

A doença funcionaria como um estímulo para que o escritor, temendo a proximidade da morte, se pusesse a escrever e a exceder seus próprios limites estéticos: “A doença que cresce e vai devastando o ser humano por toda a vida é a principal responsável pela busca da

imortalidade a ser alcançada pela obra de arte construída em independência da dor inafiançável e da exclusão educada do artista pelos companheiros e pelos pares” (Santiago, 2016, p. 32). Na fundamentação de seu ensaio, o leitor-narrador cita, além de Machado e a questão de sua epilepsia, outros artistas, como Gustave Flaubert, também epilético, e Aleijadinho, que sofre de doença degenerativa. É interessante pensar como, em muitos escritores, a presença da doença ou de um certo *mal* – lembrando Georges Bataille em seu livro *A literatura e o mal* – é fator preponderante para que eles sejam estimulados a escrever. Como se a escrita estivesse associada a uma certa solidão – solidão que alguns compreenderiam como doentia –, associada a um certo desapego do mundo e das coisas que importam ao mundo. Como se escrever fosse já estar doente, já estar separado da norma imposta pelo mundo do trabalho, da razão, da objetividade. Escrever pertenceria aos doentes: “O sublime em arte se expressa pela exuberância física do coração no corpo enfermo” (Santiago, 2016, p. 33).

Segundo Bataille, o mal passa a ser o elemento fundador na obra literária, sendo o elemento que fomenta a liberdade criativa no escritor. O mal literário inverte o mundo do trabalho, possibilita à palavra romper com os limites-funções impostos pelo bem, pelo mundo da norma em que vivemos. O mal literário agrega ao seu mundo maldito a performance do êxtase, abrindo acesso à experiência interior, dizendo não ao elemento já fabricado e exigindo o sacrifício da razão servil. Em *A experiência interior*, Bataille confirma o que já se lia em *A literatura e o mal*: “a linguagem literária – expressão de desejos ocultos, da vida obscura – é a perversão da linguagem um pouco mais até do que o erotismo é a perversão das funções sexuais. Daí o ‘terror’ que, no fim, impera nas ‘letras’” (Bataille, 2016, p. 193). Seguindo essa perspectiva do mal, Maurice Blanchot afirma que escrever é entregar-se ao vício da palavra poética, é romper com o mundo do bem: “O escritor já não pertence ao domínio magistral em que se exprimir significa exprimir a exatidão e a certeza das coisas e dos valores segundo o sentido de seus limites. [...] Escrever é quebrar o vínculo que une a palavra ao eu [...]. Escrever é romper esse elo” (Blanchot, 1987, p. 16-17).

Doentes são aqueles que escrevem, seja qual for sua doença, se do espírito ou da carne. O leitor-narrador lembra também, no sétimo capítulo, “A ressurreição dos mortos”, de que o remédio dessa doença que impulsiona a escrita é a própria escrita: “Se a graça é remédio

divino para o pecado original e se o remédio apazigua a crise epilética, a arte é o mais eficaz de todos os remédios humanos. O melhor deles” (Santiago, 2016, p. 268-9). A arte seria o modo que Machado encontrou, segundo a leitura que o narrador faz de suas cartas, para tornar melhor sua passagem pela terra, embora não pudesse estancar com essa mesma arte a ferida aberta pela epilepsia, que o acompanha até seus momentos finais, apodrecendo-o: “A ulceração das aftas, pelo mau cheiro que exalam, chega a ser tão insuportável e asfíxiante para Machado de Assis quanto a experiência da ausência” (Santiago, 2016, p. 306). Nesse mesmo capítulo, o leitor-narrador exerce sua veia ensaística mais uma vez, ao apresentar o leitor com um belo trabalho de análise das personagens femininas da obra machadiana: “Nos seus escritos literários [...] a bela, sedutora e privilegiada figura poética feminina vem envolta pela aura não só da dissimulação [...] como também da ambiguidade” (Santiago, 2016, p. 246). O narrador trabalhará a desconstrução da figura clássica do feminino até alcançar as sutilezas performáticas do caráter feminino das personagens machadianas que, de certo modo, impossibilitam a plenitude da felicidade do casal, não há final feliz na obra de Machado de Assis, como nos diz o narrador-ensaísta: “A dissimulação feminina se confunde com a dúvida masculina, seu original; ela é cópia da dissimulação-maquinada-para-ela pelo ciumento. A cópia feminina acaba por ser, do ponto de vista da retórica do romance machadiano, tão verossímil quanto o original masculino” (Santiago, 2016, p. 251).

O movimento de análise crítica da obra de Machado já vinha sendo estabelecido no capítulo anterior, “A escada e o lustre: a solidariedade humana”. É precisamente nesse capítulo, o sexto, que o leitor-narrador começará suas investidas pela obra de Machado, pois até então o narrador tinha se detido na elaboração de sua ideia sobre a doença e a arte, sobre seu arrebatamento e sua conseqüente transfiguração no escritor e principalmente no processo de “modernização” da Capital Federal, quando o regime de governo passa então a ser República. Os capítulos terceiro, “Os vitoriosos”, quarto, “23 de fevereiro de 1906, dez horas da manhã”, e quinto, “A Roda da Fortuna, a Roda dos Enjeitados”, são os capítulos em que notoriamente Machado ganha um segundo plano, pois nesses três capítulos a feição que ganhará o livro *Machado* será a de um estudo que poderíamos definir historiográfico, em que pese a análise social e política da cidade do Rio de Janeiro no

período que compreende a abolição dos escravos e o começo da República no Brasil. O narrador se vale de seu conhecimento histórico para analisar criticamente e ironicamente, nos moldes machadianos, a “nova” e “moderna” República:

Os problemas que a capital federal enfrenta não se resolvem com o policiamento indiscriminado dos miseráveis e dos desclassificados, segundo as normas ditadas pela moral pequeno-burguesa. É a sociedade carioca como um todo que, na passagem do século XIX para o seguinte, embaralha de modo contraditório os cacos que a compõem. Quer ser moderna e é tradicionalista, injusta e preconceituosa. Nunca reconheceu o trabalho livre e continua a não reconhecê-lo e, se é obrigada a reconhecê-lo pelas circunstâncias da Lei Áurea e da Proclamação da República, é apenas para que dele se sirva com um à vontade que escandaliza qualquer estrangeiro culto que nos visita (Santiago, 2016, p. 187-8).

Análise crítica muito bem fundamentada, que apresenta de modo bastante criativo e elucidativo as principais mudanças que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro, à época Capital Federal do Brasil. Uma deliciosa análise que coloca mais uma vez a figura de Machado de Assis em segundo plano. Como dito no início desta resenha, por mais que o escritor seja dado como protagonista, a própria escrita do leitor-narrador o transforma (o transfigura) em ator coadjuvante. Na verdade, a pessoa de Machado é tomada pelo narrador como meio para se chegar a outros temas, como aqueles apresentados no parágrafo anterior. O personagem Machado não ganha escopo de protagonista, não se sabe quem é ou quem foi Machado, no que se refere à perspectiva mais humana, mais interior, mesmo que essa perspectiva seguisse o viés ficcional. Destaca-se mais uma vez que a investida do leitor-narrador é muito mais ensaísta que romancista. Quem esperava um livro propriamente ficcional, em que o protagonista de fato fosse o escritor Machado de Assis, sairá um pouco decepcionado da leitura. Contudo, aqueles que se permitirem aproveitar da genuína exposição do leitor-narrador, descontando os deslizes de sua proposta inicial, sairá muito bem informado, não só pelas análises das obras machadianas, como aproveitará também da análise histórico-social de um período muito importante para as letras brasileiras e para a formação do País enquanto sociedade.

Referências

BARTHES, Roland (2004). *O rumor da língua*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes.

BATAILLE, Georges (2015). *A literatura e o mal*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica.

BATAILLE, Georges (1953/2016). *A experiência interior: seguida de método de meditação e postscriptum*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica.

BLANCHOT, Maurice (1987). *O espaço literário*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco.

SANTIAGO, Silviano (2016). *Machado*. São Paulo: Companhia das Letras.

Recebido em 18 de março de 2016.

Aprovado em 24 de abril de 2017.